



O MÁGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 22 DE FEVEREIRO DE 1852.

ENTRUDO

EU E O MEU COMPANHEIRO.

Ao quebrar-se a escuridão da noite. lá quando vem vindo a madrugada abri bem os olhos, e uma luz ao longe vos anunciará o dia do Carnaval. E' a estrella que vos mostrando o dia com o seo vagaroso amortecer, vos deixa entregues a vossas loucuras. E' bonito, deleita, mas intristece ao despontar do outro claro e ardente que vos convida ao trabalho. Assim é; porque é essa a lei que dirige a natureza, a que nós estamos sujeitos pela força desconhecida de um poder acima de nossa comprehensão.

Vedes agora o dia? sorris e convidaes os outros como tolos para os vossos brincos? e entretanto quem ha que não tenha um momento em cada dia de atoleimado descanso de todas as faculdades? Ninguem. E' um dia de folguedo não vos agoniéis comigo.

O sol se esconderá hoje e irá mascarar-se para vos apparecer em forma de macaco, arremedando todas as vossas acções. Uma nuvem se irá estendendo e formando um sinto transparente prenderá a todos dentro de si, e principiará a chover sobre vós, pulvilho, pòs de sapatos, azarcão, oca e fundo de panella. Tudo ficará escuro como a noite; todos os companheiros de Balzebut, se aproveitirão deste ensejo e armados de seringas de folha, de bacias e tinas com agoa, e outros carregados de limões de cera, farão de vós todos victimas de suas extravagancias.

E' hora de comer e achareis tudo salgado apimentado, enferrujado, destemperado e até mal cozinhado: muito contentes ireis ver os presentes que se vos manda, e achareis dentro de uma compoteira, em lugar de doce, as pennas de uma galinha choga; abrireis um ovo e achareis caroços de azeitonas já secos; recebereis alguma peça de fazenda, e ao guardar, ella se transformará em uma folha de bananeira, o finalmente se bater a vossa porta algum sujeito com cara de santo e abrides, de repente tereis um assalto de Farizeos, que innundarão tudo. Hoje posso sahir fóra do serio.

Pensareis que isto é um amontoado de asneiras, porem dissei-me com o que é que se diverte o homem em qualquer occasião? As couzas serias nos cauzão tédio. Pois bem, agora abro um livro, e vou ler-vos esta pagina que deve ser interessante— Historia moderna — fuga de Rozas— trambulhões de Oribe— Agoa vai e agoa vem por cá — sangue e ballas por lá. —

Tudo é entrudo.

Quiz ler-vos uma pagina interessante e instructiva, porem o livro é uma — Arte do Cozinheiro — trata de bons petiscos, doces, tortas etc etc : ora o domingo é gordo, devemos aproveitá-lo para engordar a barriga com algum bom pastel. Comtanto que não seja pastel de nada, convido-vos para depois do baile atracar-vos com aquelle que estiver vestido de *Magico* (que heide ser eu por força) e acompanhai-o até os altos, e ahi encontrareis uma boa ceia de vento, com fresco liquido da fonte, sobre meza de ar puro, por companheiros convidados o Ceo, a terra, o mar, as estrellas e os restos de uma lua que já passou pela cabeça de um nosso amigo; que tambem foi convidado para vir fazer um acrostico do Pão de Assucar, e ao qu-ijo do Corcovado, outro tambem para vir fazer charadas à moda dos mágistrados do Lavradio, lá da cidade da outra *ba* onde eu *lia*. Ora perdoem-me. He permitido no carnavaal, porque eu mesmo não pensei que a influencia me dominasse.

Desde que appareci muita gente perturbou-se; entretanto apparece agora um meo irmão de nome e todos se extasião! e muitos estão vendo com os olhos em fito, e como nada percebem suppõ- que a couza é do outro mundo; outros que tudo veem inventão lá o que lhes parece e vão com tudo crendo nas magicaturas apparentes. Eu que tenho procurado contentar os desejos de todos, e de cada uma vez apresentar vistas onde cada um se pode entreter a seo gosto, não deixo de soffrer agora uma brincadeira de entrudo; farei outra em troca è o meo dever. Abrão-me, e ficarão sem ver o folhetim! . . . é uma cassoada de entrudo, não fação caso. Até quiz me apresentar de pernas para o ar carregando a montanha; porem os assignantes que ainda não satisfizerão as suas assignaturas do 1.º trimestre que se vence agora, no dia de hoje, podião tomar como demasiada e licenciosa *pilheria*, e faser-me algum desfalque com o entrudo.

Achava bom que aquelles que nada teem satisfeito viessem hoje tratar disso, nada de peças de entrudo, eu não os molho, venhão sem susto; entre amigos não se dà cavaco.

Não tenho remedio senão por o serio de parte e entrar em brincadeiras com os leitores. Que disem? vamos ou não? — Mas aonde? — Ora ao baile mascarado.



Uma bebedeira bem tomada.

A chuva estava cabiindo deveras como todos estarão lembrados; porque ha bem poucas noites que se passou essa scena diabolica, marcando uma epoca de tantas novidades para a terra de cá. Muito bem; nessa noite assim medonha um sujeito cazado e com filhos, que eu não direi onde mora, senão os rapazes bregeiros vão lá e dão-lhe uma tremenda corrida que põe o homem tonto, mas sim, tinha elle chegado dos afazeres do dia, despio-se, jantou; porem com tanto gosto que ainda ás 6 horas da tarde estava no principio da sobremeza. A mulher não deixava de lhe fazer a côrte e as honras da meza, os filhos esses já se tinham dispersado porque a barriguinha estava cheia.

O bom do homem principiou a soffrer uma disposição para comer e beber, uma secura interna que *desunhava-se* com uma presteza admiravel! Ora, elle já é cazado ha uns bons dez annos, porem para elle os momentos erão tão lucidos que principiou a recordar-se de todos os tempos da sua mocidade e a cada uma epoca fazia uma saude, e acompanhava com a razão da mesma; a mulher tambem foi se influindo a ponto de corresponder de tal maneira a todos os brin-des que a ponta do nariz já estava bem encarnada, e os olhos humidos e ternos. O homem ainda estava seguro porem languido; chegou a epoca do seu namoro,.... e agora vereis o que são ternuras!

— E aquelle dia que eu te vi minha querida D... (ai que eu ia descobrindo o nome) e teo pae logo fez-me uma careta, como o tigre quando quer engulir o primeiro infeliz que se apresenta, com tudo a força de sympathia me arastou a tal ponto que não obstante esse mau agouro, eu acompanhei-te! Oh! vai a saude do primeiro encontro!

A mulher não pode resistir e correspondeo já meia inclinada, e disse — “ chega-te mais para aqui, tu estaes a fugir. Sim vai a saude, entrelaçemos os copos, e depois venha um beijo destes tempos, porque naquelles primeiros contou muito a-se provar um.

O Marido lembra-se de dizer. — A' saude daquellas chicotudas que apanhou a tua preta por desconfiarem da entrega da primeira carta.

— Então venha um abraço! oh! que bello tempo! — Dizia a mulher querendo abraçar a garrafa em vez do marido. Sim meo querido, e mais aquelle dia em que nos levantamos da festa de S. Francisco porque o velho tinha visto tu te chegares para perto de nós. A' saude, á saude. Oh! que bello tempo! — E neste movimento de abraçar o marido cahio sobre elle. O homem tambem já não estava muito seguro e com mais esta carga cambaleou. A pobre amorosa, no seo enthusiasmo beijava até o lugar onde o marido estava assentado; que influencia!

— Então mulher dá cá esse beijo, a saude ao nosso matrimonio. Lembras-te? Ora toque. E deo com o copo em uma terrina que

virou tudo. Neste tempo já a mulher roncava abraçada em attitude de transporte com a cadeira. O marido sorrio-se todo amoroso e puchou para si a terrina abraçou-se com ella, e se foi deixando escorregar pela cadeira. Quando estava a fio comprido no chão, empunhava elle um pão e já mais do que ebrio dizia meio adormecido— “ Mulher agora á saude do nosso primeiro filho. E ella suspirava, roncava, o homem porem principiou a lastimar-se— ” Esta vida é o diabo; o homem por mais que trabalhe não arranja nada, se è virtuoso é tolo; os lagartos que lhe chuchão tudo na boa fé ainda zombão delle; ora vai a saude desses bigorrilhas todos! viva! E com o pão na boca supunha virar o bom copazio;

Neste entementes entra a preta da caza com o barril d'agoa á cabeça que tinha ido encher á bica no canto por falta d'agoa, mas não por falta de vinho; vai passando sem attender e tropessa nos pés do senhor e cai sobre elle despejando o barril e agoa e tudo sobre a infeliz mulher que roncava em arremedo á trovoada. O bom do homem em sua embriaguez não sentio bem o choque, pelo contrario gostou tanto que todo terno abraçava a escrava suppondo ser a mulher! Oh! que equivoco dos demonios!

Então a mulher como acordada dice. — Chi! marido como chove! Com a bulha chegão os pequenos, e todos a chorar por verem os pais ali como mortos. Que excellente orchestra! A preta tambem vinha *nellas*; pois tendo ido buscar agoa á bica e sendo essa tão perto da venda, e estando chovendo, julgou a proposito aquecer-se por dentro. Para isso quasi todo o preto ou comprador de qualquer caza sempre tem de sobra; porque fazem muitas vezes os tomates, ficarem mais caros, e o excesso vem logo para a bolça.

A agoa lançada por desastroso acazo sobre a pobre mulher, e a que ella chamava chuva principiou a operar algum effeito, sentou-se e começava a lançar vinho sobre um dos filhos que lhe estava aos pés querendo acordal-a com suas lagrimas. O innocente não lhe agradando aquella enchurrada, que lhe mergulhou a cara toda e causou-lhe nauseas, foi logo se safando, porem escorregou, cahio e bateo com a cabeça na ponta da meza que fez uma grande brecha.

Eis logo todo esvaído em sangue! Só a cosinheira estava em seo estado natural, e apenas vio o nhonhô daquella maneira, foi buscar algumas tiras de panno e não achando, rasgou a ponta da toalha da meza e com ella amarrou a cabeça da criança. Por mais que chamassem por qualquer dos trez que estavam deitados penhum percebia. O marido estasiava-se em comprimentos amorosos com o objecto do seu equivoco, a mulher em vomitos e ora cabia para um lado, ora para outro.

Sabidas as contas elles estavam festejando naquelle dia o anniversario do seu primeiro filho! e não foi má a influencia, porque o resultado é o que acabamos de ver.

PROGRAMMA DO EXERCITO MASCARADO

QUE TEM DE INVADIR OS THEATROS DESTA CORTE.

A's dez horas em ponto irá saindo,
Da porta do africano consultorio,
Um prestito soberbo, divertido
Em caminho ao theatro provisorio.

Em Behùs disfarçados dois Marias,
Na frente marcharão com importancia,
Um levando chinò, outro luneta,
E nas mãos o emblema d'abundancia,

O que lava chinò irá cantando
Os feitos carolæes do seo collega,
E este acompanhando a cantoria,
O emblema d'abundancia a boca chega.

Um carro triumphal todo de vidro,
Forrado de papel inda das sobras,
Com um cartaz na frente em letras gordas
— Recibos das esmolas para as obras—

E' o carro por dentro uma marmota
(Mas sem ser a marmota do Diniz)
Por um oculo se vê.... couza estupenda!
Vinho puro lançar um chafariz.

Em seguida um pançudo paxorrento,
Transformado em travesso deos cupido
As costas um jacà, aljavas, settas,
Conduzindo um guião desconhecido

A um lado um magrela de calções,
Sem mascara, e de nariz qual um apito,
Outro do lado opposto, ambos pegando
Nas pontas do guião deste prestito.

Mais atraz um caturra escabriado,
De libré acompanha esta fuucção,
C'o letreiro na testa — *Communismo* —
E um masso de papeis em cada mão.

Um mangote de *paños e pixotes*,
De cabelleiras brancas, pretas, louras,
Estes, de malta são os cavalleiros,
Todos elles armados de thesouras.

Na frente commandando estes heróes,
Privados do seo rei e do seo soldo,
Irá o nunca assáz, e conhecido
Barão da perna torta, o grão Bartholdo.

Cercado de mil graças tentadoras,
O *Symbololo do amor e da ternura*,
Dentro d'uma gaiola empolerado
Ao povo contará certa aventura.

Irá mais uma sucia de pedantes
Com fumaças de grandes escriptores
Uns em prosa narrando parvoices
Em verso outros cantando seos amores.

Veremos toda a sucia dos mamados
Tristes demettidos armadores,
De braço torto c'oas gentis donzellas
Que andão todo o dia a fazer flores.

Da Santa Caza irão nos novos carros
Magoados escrivães sem baptizados,
Que pela nova lei ora suspensa
Ficarão sem os cobres bem logrados.

Levarão vestimenta bem trançada
De lixo e porcarias da cidade
Essa sucia de fardetas papa multas
Cascudos a chupar por caridade.

Iirão mais os pretinhos de *sofá*
Fazendo posições difficultozas,
Uns armados d'adufos e canzás,
Outros de seringas e ventosas.

Ao chegarem ao Largo do Rocio,
O prestito ahí fará parada,
Para dar a policia exata conta
Da mão que apparecera assassinada.

Seguirão depois disto seo caminho
Em ordem ao lugar ja indicado;
Mostrando cada qual sua proeza
Até vir para caza *envernizado*.

Gebas.



TRANSPARENTE.

Tenho deixado por longo tempo de apresentar aos amigos das figurinhas algumas daquellas que ás vezes passam nas sombrinhas do meo transparente, porem a cauza posso dizer-vos. A curiosidade é muitas vezes a cauza de males, e outras de bens, porem neste cazo foi de mal porque deixei de apparecer. Alguns sujeitos quizerão por força saber o que era isto que deixava passar tão bem representadas sombras quasi ao vivo; um quiz saber quem era o *pucha vistas* e por tal apertó, eu que não lhes queria dar esse gostinho, tive de me occultar inteiramente e abrigarme à sombra do *Magica*. Ora venha cá, ponha aqui a sua luneta, vosse que não vê sem oculos depois que comeo brocos, diga me conhece aquella sombrinha? — Ora se conhece! — Então quem é? — Eu lhe digo, porem vejo tantas que vão correndo apoz essa primeira!... — Pois então acabe com isso, diga quem é. — Homem não, tenho receio porque póde-me levar o diabo; olhe o Z comeo bola (valha a verdade) e outros que se atrevem a fallar assim mais livremente as verdades com a penna na mão, em qualquer volta de canto edificação um armazem de pancadas com os materiaes de seo corpo. — Então meo amigo, se não tens peito para que tomas *mandinga*? se vossê tem medo de fallar a descoberto não venha cá espiar no meo vidro, porque aqui só vê quem póde dizer sem receio o que vê. Queres que te tape? — Isso não; pois a fallar a verdade se ha couza que eu goste é olhar por este vidrinho.

Mas diz-me que montão de gente é esta aqui neste largo? — Olha bem, verás que é uma sucia de *vagantes* que andão a vender phosphoros, galinhas, perús, couzas de linho, torcidas para lampião, estampas, e outras couzas mais sem outro officio; uns dizem que e para tomar nota dos arranjos e contornos das cazas, mas eu não avanço a tanto; contudo julgava bem prudente que antes fossem plantar batatas, que é para o que se precisa cá de gente e não quem ponha tabernas ou venda frangos. E está um tal meio de alimentar a *vagancia*, que não fazem outra couza, e vês que porção ha que parece praga. — Mas que sombrinha é aquella que primeiro passou? — A! queres que eu te diga?! pois não conheces! Aquelle corpinho cheio e baixo não te deve ser estranho, olhos azues, cabellos grisalhos; homem pois não conheces? E' aquelle sujeito que engolio aquellas duas notas de quinhentos para deixar passar certo negocio ahi a favor de certo *recheado* passador de..... de negros; ora tens medo que se ouça? Porque é que nós temos as couzas tortas? não será mesmo por cauza de darmos importancia a uma chusma de falsarios *trampolinas*, que tem-se collocado em posição, por suas artimanhas, de governarem a vontade de certa gente e quando não, mostrão-lhe a divida, e ameaça de pôr os trastes no deposito? Claro está, que alguns, que figurão com grandezas baloufas não querem ver os trapos á mostra e vão praticando quanta baixeza póde satisfazer a ambição desenfreada de certa gentinha. Haja vista este personagem; o seo

gostinho é pedir dinheiro emprestado; e já se sabe que é para pagar em dia de S. Nuncas, e vão lá perseguil-o pela Justiça como se elle, que lida com ella, não lhe soubesse as manhas. Ora outro officio.— Isto não deixa de ser nojento, porem verdade é, que assim é preciso para o progresso e civilisação de um paiz. Oh! cá vem outra! quem é aquella? Parece ainda joven! E' um dos nossos judeos, um usurario que dá dinheiro sem compaixão. — Essa é engraçada dá dinheiro e não tem compaixão?!— Que duvida! dá, porem é a troco da mais usuraria *esturquidella*, que deixa o frango que lhe cai nas mãos bem depennado.—Não seria bom sem saber de mais promenores darmos com elle na caza.... do Barro Vermelho? — Não seria mau, porem lá só morre pagão quem não tem padrinho.

O pucha vistas.

MISCELLANEA.

— Ha um *fazedor* de cabelleiras que mora em uma esquina da rua bonita, que quando chove diverte-se em botar rolos na porta para fazer cahir os passageiros. Não está mau brinquedo! O tal *monsieur* fica com o juizo a arder: ora quem lhe acendesse uma velinha de cera atraz da orelha como as crianças fazem as baratas.

— Conhecemos uns sujeitos, que *avezão patacas*, e tem por cóstume quando voltão dos seos passeios alta noite, nos seos cavallo gigantes virem com elles pelas caçadas a tocar matraca de patas nos ouvidos dos moradores. Diabo! esta gente não toma caminho. Seria bom uma noite que elles viessem um atraz do outro algum *gaiato* escoral-os em qualquer esquina e dar-lhes com um gato morto até miar algum delles.

— Já se vende GENERAES por dez reis *chemchem*, do que nos serve a victoria?! A grande abundancia de gello fez todos receberem essa grande nova com muita frieza!!

Ora triste couza é um homem ter figura, vê-se obrigado até a apresental-a na proa dos navios.

— Do thelegraphia phosphorico cahio a noticia de que o baile que deo a Beneficencia, foi benefico de mais; porque *apezar do esforço que fez para ter uma reunião luzida*, appareceo lá cada um jagodes do tamanho de um barril de manteiga; a respeito de madamas, de mistura com algumas bem distinctas, apresentarão-se grizetas de lamparinas, que de braço torto viravão o rosto quando encontravão algum conhecido velho. Em fim só não foi quem não teve bilhete ou quem tinha falta de cobres. Dizem que por todos os motivos louvaveis esteve a cima de todo o louvor. E esta? Andarão mesmo *escolhendo* a gancho. Se mais achára mais tomára, e mais levára.

— Não tenho remedio senão fazer um elogio de encomenda. O bairro do Cattete vai brilhar tambem agora com um theatrinho particular; o director é o Sr. doutor Moreira Barboza, muito digna pessoa, e que deve produzir muito para a sociedade. Vice-presidente o Sr. Vieira d'Andrade, tambem não fica atraz, e Procurador, o bello amantetico Sr. Pinheiro d'Andrade. pessoas estas de quem esperamos tudo; porque os linguarudos já andão taramellando que

couzas do Cattete dá em arroz queimado; porem contamos com o desenvolvimento destes senhores que taparão a boca desses sujeitos com alguma couza que.... que elles pulem de contentes como eu e todos esperamos.

— Era meia noite: estava um sujeito de cocoras em cima de um andaime: — ó que está fazendo? lhe perguntou outro — “Estou procurando o lampião desta obra que não anda por cá” — Ora se tem pernas já foi, ou para caza do dono ou do mestre. Estou tambem d’aqui observando certos moraleres ou não sei quem da rua do C. que volta e meia è zás-agoa suja, urina, e outras cousinhas mais que pode provar qualquer guarda fiscal da respectiva Freguezia, elles fazem bem. Não são capitães do mato para andarem de noite, mas ganhao dinheiro para dormir de dia.

Um docinbo bem feito, e por mãos de anneis, será dado a quem apresentar a *mascara* de fr. *Zezè Peruca*, que quasi no fim do mez de Janeiro ultimo foi atirada por ahi alem, em consequencia da construcção por ahi algures de um cemiterio não acabado, e que jamais se acabará. O proprietario da *mascara* não consente que patusco algum no actual carnaval faça uso de uma tão boa peça, que so nelle assenta cabalmente; por isso depositado tem o premio acima indicado nas mãos do *galgo descendente*, e quando se dê auzencia deste mimoso, nos de *D. Linitiva pisca-pisca*, no bem conhecido consistorio da rua de S. Antonio n. *nicles*.

CHARADA.

Do nome que antigamente
A certa moeda se dava,
Do metal puro e luzente,
E em mil reis se avaliava, — 1
Tiraràs delle a primeira;
Seis tambem por brincadeira
Junto ao Rei em outro tempo
Andáva sempre ligado — 1
Na musica ao — A — correspondo,
Por terem-me assim ensinado. — 1

Inda que seja estreitinha,
Não deixo de ser habitada;
Tenho em mim sempre gentinha,
Que me faz mal afamada.

M.

A significação da ultima charada é: — phosphoro. —

TYPEGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES
Rua d'Alfandega n.º 135.